

**Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Mato Grosso
Cáceres - Mato Grosso - Brasil**

Revista da Faculdade de Educação - Vol. 42, (Jan/Dez) de 2026
ISSN: 2178-7476



**NARRATIVAS DOCENTES SOBRE A EDUCAÇÃO PÚBLICA: A ORGANIZAÇÃO DO TRABALHO
PEDAGÓGICO NO COTIDIANO ESCOLAR**

**TEACHER NARRATIVES ON PUBLIC EDUCATION: THE ORGANIZATION OF PEDAGOGICAL
WORK IN THE SCHOOL DAILY LIFE**

**NARRATIVAS DOCENTES SOBRE LA EDUCACIÓN PÚBLICA: LA ORGANIZACIÓN DEL
TRABAJO PEDAGÓGICO EN LA VIDA COTIDIANA ESCOLAR**

Vanessa Suligo Araujo Lima

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil
Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação e Docência (GFORDOC/UNEMAT)
Docente da Secretaria do Estado de Educação de Mato Grosso (SEDUC/MT)
ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4651-3752>
E-mail: vanessa.lima@unemat.br

Laudemir Luiz Zart

Doutor em Política Científica e Tecnológica (UNICAMP) e Pós-Doutor em Educação (UFRGS)
Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNEMAT)
Vice-Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação e Docência (GFORDOC/UNEMAT)
Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9117-0782>
E-mail: zart@unemat.br

Loriége Pessoa Bitencourt

Doutora em Educação (UFRGS) e Pós-Doutora em Estudos Culturais (UFMS).
Docente e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNEMAT)
Líder do Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação e Docência (GFORDOC/UNEMAT)
Universidade do Estado de Mato (UNEMAT), Cáceres, Mato Grosso, Brasil
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7643-2091>
E-mail: loriege.pessoa@unemat.br

Resumo: Este artigo apresenta reflexões produzidas no âmbito da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico (OTP) em Contextos Escolares e Não Escolares, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu/UNEMAT), Campus de Cáceres – MT. O estudo teve como objetivo compreender a educação vivenciada em uma escola pública de Mato Grosso, a partir das narrativas de seis professoras que atuam nesse contexto. O referencial teórico fundamenta-se na compreensão da educação como prática social e histórica, dialogando com Machado, Freire, Saviani, Caldart e Zart. Metodologicamente, adotou-se uma abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, envolvendo diálogos no cotidiano escolar e questionários analisados como narrativas de experiência docente. As análises evidenciam que, embora atravessada por limites estruturais e organizacionais, a educação pública também se constitui como espaço de resistência, (re)existência, diálogo, formação e produção coletiva de conhecimentos, a partir do qual se anunciam horizontes de possibilidades e esperança para a construção de uma escola mais democrática e humanizadora.

Palavras-chave: Educação Pública; Organização do Trabalho Pedagógico; Narrativas Docentes; Cotidiano Escolar; Trabalho Docente.

Abstract: This article presents reflections developed within the course *Organization of Pedagogical Work (OTP) in School and Non-School Contexts*, linked to the Graduate Program in Education (PPGEdu/UNEMAT), Cáceres Campus – MT. The study aimed to understand education as experienced in a public school in the state of Mato Grosso, based on the narratives of six teachers working in that context. The theoretical framework is grounded in the understanding of education as a social and historical practice, engaging with the contributions of Machado, Freire, Saviani, Caldart, and Zart. Methodologically, a qualitative case study approach was adopted, involving dialogues within the school everyday life and questionnaires analyzed as narratives of teaching experience. The analyses reveal that, although marked by structural and organizational limitations, public education also constitutes a space of resistance, (re)existence, dialogue, formation, and collective knowledge production, from which horizons of possibilities and hope emerge for the construction of a more democratic and humanizing school.

Keywords: Public Education; Organization of Pedagogical Work; Teacher Narratives; School Daily Life; Teaching Work.

Resumen: Este artículo presenta reflexiones desarrolladas en el marco de la asignatura *Organización del Trabajo Pedagógico (OTP) en Contextos Escolares y No Escolares*, vinculada al Programa de Posgrado en Educación (PPGEdu/UNEMAT), Campus de Cáceres – MT. El estudio tuvo como objetivo comprender la educación vivida en una escuela pública del estado de Mato Grosso, a partir de las narrativas de seis profesoras que actúan en ese contexto. El marco teórico se fundamenta en la comprensión de la educación como práctica social e histórica, dialogando con Machado, Freire, Saviani, Caldart y Zart. Metodológicamente, se adoptó un enfoque cualitativo, de tipo estudio de caso, involucrando diálogos en el cotidiano escolar y cuestionarios analizados como narrativas de experiencia docente. Los análisis evidencian que, aunque atravesada por límites estructurales y organizativos, la educación pública también se constituye como un espacio de resistencia, (re)existencia, diálogo, formación y producción colectiva de conocimientos, a partir del cual se anuncian horizontes de posibilidades y esperanza para la construcción de una escuela más democrática y humanizadora.

Palabras clave: Educación Pública; Organización del Trabajo Pedagógico; Narrativas Docentes; Cotidiano Escolar; Trabajo Docente.

Reflexões iniciais

“A educação é um ato de amor, por isso, um ato de coragem. Não pode temer o debate. A análise da realidade. Não pode fugir à discussão criadora, sob pena de ser uma farsa”

(Paulo Freire)

Para além do amor e da coragem que atravessam a prática educativa, Freire (1999) nos

convoca ao debate como dimensão constitutiva da educação. Assumir esse debate implica reconhecer a escola pública como espaço atravessado por tensões históricas, sociais e institucionais que se refletem diretamente na organização do trabalho pedagógico e no exercício da docência.

Nesse contexto, a educação pública brasileira tem sido historicamente marcada por múltiplas contradições, decorrentes das condições sociais, políticas e econômicas que incidem sobre a escola e sobre o trabalho docente. No cotidiano escolar, tais contradições se expressam nas formas de organização pedagógica, nas condições materiais e simbólicas do exercício da docência e nas relações estabelecidas entre professores, estudantes e comunidade. Compreender como a educação pública vem sendo vivenciada e significada pelos próprios professores e professoras torna-se, portanto, um movimento fundamental para problematizar a escola e as relações que atravessam o cotidiano educativo, a partir do olhar de quem vive o chão da escola.

A organização do trabalho pedagógico, nesse cenário, não se reduz a um conjunto de procedimentos técnicos ou administrativos, mas constitui-se como uma prática social, coletiva e intencional, articulada a projetos educativos, concepções de educação e finalidades formativas. Produzido em condições históricas, sociais e políticas, o trabalho pedagógico é atravessado por limites estruturais, exigências institucionais e disputas em torno do sentido da escola pública.

Nesse horizonte, o referencial teórico que inspira as reflexões deste estudo dialoga com Machado (2003), ao compreender o trabalho pedagógico como o modo pelo qual a escola se organiza para pensar e produzir relações de conhecimento entre os sujeitos e a realidade concreta, relacionando os processos educativos às exigências do trabalho produzido socialmente; com Freire (2002), ao compreender a educação como prática dialógica e emancipadora; com Saviani (2011), ao conceber a educação como prática social intencional voltada à socialização dos conhecimentos historicamente produzidos; com Caldart (2023), ao problematizar as tarefas educativas da escola e a organização do trabalho pedagógico na atualidade; e com Zart (2025), ao compreender o conhecimento como produção social construída a partir das experiências e da leitura crítica da realidade vivida pelos sujeitos. Essas contribuições situam a educação como prática social, histórica e intencional, atravessada por contradições e possibilidades, produzida nas relações sociais e orientam a reflexão acerca da educação pública e do trabalho pedagógico a partir do cotidiano escolar e das experiências docentes.

É justamente a partir desse entendimento que reconhece o cotidiano da escola como espaço privilegiado de produção de sentidos e saberes, que se insere o estudo apresentado neste artigo. A investigação foi desenvolvida no âmbito da disciplina Organização do Trabalho Pedagógico (OTP) em Contextos Escolares e Não Escolares, vinculada ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Educação (PPGEdu) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus “Jane Vanini”, no município de Cáceres – MT; no contexto de formação em nível de doutorado. No percurso formativo da disciplina, os pós-graduandos realizaram investigações em escolas públicas dos municípios onde

atuavam ou residissem, tomando como foco os processos organizativos da escola na realidade escolar.

Como desdobramento desse processo formativo, realizou-se este estudo específico com recorte em uma escola pública estadual de Mato Grosso, com a participação de seis professoras que atuavam nesse contexto escolar. Metodologicamente, adotou-se a abordagem qualitativa, do tipo estudo de caso, envolvendo diálogos vivenciados no cotidiano docente e a aplicação de um questionário semiestruturado, composto por questões abertas e fechadas. Os dados foram compreendidos como narrativas de experiência docente, por possibilitarem a análise dos modos de viver, interpretar e significar o trabalho pedagógico, a prática docente, as condições de trabalho e a educação pública.

Tomar as vozes docentes como referência analítica implica reconhecer a dimensão narrativa presente nos diálogos e nas produções escritas, compreendida como o modo pelo qual os sujeitos organizam suas experiências e constroem sentidos sobre a realidade social, conforme a compreensão proposta por Bruner (1997). Nessa perspectiva, a dimensão narrativa das vozes docentes assume centralidade como elemento analítico no processo de compreensão da educação pública e da organização do trabalho pedagógico, sem se constituir como método da investigação, mas como princípio de interpretação das significações produzidas no interior da escola.

Considerando esse cenário, o presente estudo teve como objetivo compreender a educação vivida em uma escola pública estadual de Mato Grosso, a partir das vozes das professoras que vivenciam o cotidiano escolar, tomando como foco a organização do trabalho pedagógico no contexto investigado.

Educação Pública e Organização do Trabalho Pedagógico: um movimento investigativo a partir das narrativas docentes

O movimento investigativo que orienta esta reflexão emerge das inquietações produzidas no percurso formativo que deu origem a este estudo. As discussões coletivas, as leituras teóricas e os diálogos estabelecidos nesse processo provocaram deslocamentos no modo de compreender a escola pública e a organização do trabalho pedagógico. Esse movimento possibilitou que questões vividas no cotidiano docente ganhassem espaço para reflexão, problematizando a realidade educacional a partir das condições em que a docência se realiza.

É a partir desse movimento reflexivo que se aprofunda a compreensão da educação pública e da organização do trabalho pedagógico, compreendida a partir de Machado (2003, p. 246), como o “modo de organização que a escola assume na tarefa de pensar e produzir as relações de saber entre sujeitos e o mundo concreto, o mundo do trabalho socialmente produtivo”. Trata-se de um processo que sustenta as relações pedagógicas estabelecidas no interior da escola, as quais, embora atravessadas por contradições e conflitos, apresentam determinadas regularidades e se materializam nos objetivos formativos, nas metodologias, nos conteúdos, nos processos avaliativos, no uso dos

recursos e nas relações pedagógicas construídas na realidade escolar (Machado, 2003).

Nessa direção, Saviani (2011) destaca que a escola tem como tarefa central a socialização dos conhecimentos historicamente produzidos, o que exige uma organização pedagógica comprometida com a formação humana e com a função social da educação. Essa organização, contudo, não se constrói de forma neutra, pois se produz em condições históricas e sociais determinadas, marcadas por tensões, desafios institucionais e contradições que incidem diretamente sobre o trabalho educativo e sobre a própria função social da escola.

Ao aprofundar a compreensão sobre a organização do trabalho pedagógico, Caldart (2023) problematiza as tarefas educativas da escola na atualidade. A autora evidencia que pensar o trabalho pedagógico exige considerar as condições reais em que a escola funciona, bem como as relações coletivas que a constituem. Isso implica reconhecer a escola como espaço de tensões, mas também como lugar de possibilidades, no qual se constroem práticas de reorganização, resistência, (re)existência e produção coletiva de saberes.

Nesse horizonte reflexivo, Freire (2002) contribui para esse debate ao compreender a educação como prática dialógica e emancipadora. Sob esse olhar, a escuta, o diálogo e a leitura crítica da realidade assumem centralidade. As experiências vividas pelos professores e professoras no cotidiano escolar constituem-se, assim, como fonte legítima de reflexão e produção de conhecimento, pois é a partir delas que se elaboram sentidos sobre a prática docente e sobre a própria educação pública.

Zart (2025) dialoga com esse entendimento ao defender que o conhecimento é produzido socialmente, emergindo das experiências, das práticas e da leitura crítica que os sujeitos fazem da realidade vivida, constituindo-se também como possibilidade de transformação dessa realidade. Desse modo, a educação é compreendida como prática social, histórica e intencional, atravessada por contradições e possibilidades, produzida nas relações sociais e orientadora da reflexão sobre a educação pública e a organização do trabalho pedagógico.

À luz dessas reflexões, passamos a olhar para a educação que se vive em uma escola pública do Estado de Mato Grosso, não como um objeto distante de análise, mas como uma realidade atravessada por experiências, desafios e possibilidades. Mais do que olhar, buscamos dar espaço às narrativas daqueles que estão no chão da escola que vivenciam o cotidiano escolar em suas múltiplas dimensões, e sustentam, diariamente, o fazer docente.

A escola vive no movimento das relações que se constroem em seu interior. Nas práticas pedagógicas, nas escolhas cotidianas, nos encontros e desencontros que marcam o trabalho educativo. É nesse viver da e na escola que se produzem sentidos sobre a educação pública, revelando tanto as tensões que atravessam o trabalho docente quanto os esforços coletivos e as possibilidades de reinvenção e (re)existência que emergem do chão da escola.

Tomar esse cotidiano como referência constituiu o ponto de partida do percurso metodológico

adotado neste estudo. Sob esse horizonte, a investigação orienta-se por uma abordagem qualitativa, por compreender que os sentidos produzidos sobre a educação pública e a organização do trabalho pedagógico se constituem nas relações, experiências e vivências que atravessam a realidade escolar. De acordo com Bogdan e Biklen (1994) a pesquisa qualitativa configura-se com uma abordagem voltada à compreensão dos fenômenos em seus contextos naturais, considerando a complexidade das relações, dos significados e das interpretações produzidas na realidade investigada.

A investigação desenvolveu-se como um estudo de caso, por voltar-se à compreensão de uma realidade educacional situada, considerando suas particularidades e o contexto em que se insere. Conforme Gil (2022), o estudo de caso configura-se como uma estratégia metodológica adequada para investigar fenômenos contemporâneos em contextos reais. Nessa direção, o estudo foi realizado em uma escola pública estadual localizada no interior de Mato Grosso, envolvendo seis professoras que atuam nesse contexto escolar.

Em respeito aos princípios éticos da pesquisa e à preservação das identidades das participantes, optou-se pela utilização de pseudônimos ao longo do estudo. Os nomes foram escolhidos simbolicamente, buscando representar dimensões presentes nas narrativas docentes. Assim, as participantes serão identificadas como: Professora Compreensão, Professora Resistência, Professora Esperança, Professora Parceria, Professora Coragem e Professora Resiliência.

O estudo envolveu a aplicação de um questionário semiestruturado, composto por 28 questões abertas e fechadas. As questões abertas possibilitaram a produção de narrativas escritas acerca da educação pública, da organização do trabalho pedagógico, da prática docente e das condições em que a docência se realiza, enquanto as questões fechadas contribuíram para a caracterização do contexto e das participantes. Além das narrativas escritas produzidas por meio do questionário, o estudo também considerou os diálogos vivenciados no cotidiano docente e nas relações construídas no espaço escolar, compondo, conjuntamente, o corpus analítico da pesquisa.

Os diálogos vivenciados no cotidiano docente, articulados às narrativas escritas produzidas pelas professoras, foram compreendidos como narrativas de experiência docente, na medida em que expressam modos de viver, interpretar e significar a realidade escolar. Essa compreensão dialoga com Bruner (1997, p. 41), ao entender a narrativa como um princípio “pelo qual as pessoas organizam sua experiência no mundo social, seu conhecimento sobre ele e as trocas que com ele mantêm”. Esse percurso metodológico possibilitou reunir narrativas e diálogos sobre o cotidiano escolar, a partir das vozes das professoras que vivenciam o chão da escola, orientando a análise apresentada a seguir sobre a educação pública e a organização do trabalho pedagógico.

Reflexões a partir das vozes de quem vive o cotidiano escolar como espaço de resistência

As reflexões que se seguem resultam de um movimento interpretativo construído a partir

das vozes docentes, mobilizadas por meio dos sentidos compartilhados nos diálogos vivenciados no cotidiano escolar e nas narrativas docentes. Essas vozes permitem acessar a educação pública a partir de dentro, revelando compreensões, tensões e contradições que atravessam o trabalho pedagógico e o exercício da docência no dia a dia da escola.

Tomar o cotidiano escolar como referência analítica implica reconhecê-lo como o espaço onde o trabalho pedagógico se materializa em suas múltiplas dimensões. Nessa direção, Machado (2003) contribui ao compreender o trabalho pedagógico como o modo pelo qual a escola se organiza para pensar e produzir as relações de saber entre os sujeitos e a realidade concreta, vinculada ao mundo do trabalho produzido socialmente. Trata-se de um trabalho que se constrói nas condições reais da escola, atravessado por limites estruturais, exigências institucionais e escolhas cotidianas que incidem diretamente sobre a docência.

É nesse contexto que as vozes das professoras assumem centralidade nesta análise. Ao refletirem sobre suas experiências, as docentes expressam modos de interpretar e significar a educação pública e a organização pedagógica, evidenciando desafios, movimentos de resistência, reinvenção, (re)existência e compromisso com o fazer docente. Essas vozes não são tomadas como relatos individuais isolados, mas como expressões de uma realidade social compartilhada, produzida nas relações que se constroem no interior da escola.

A partir desse movimento, a análise desenvolvida neste estudo não se limita à descrição das situações vividas, mas busca compreender os sentidos atribuídos pelas professoras à educação pública e ao trabalho pedagógico no contexto concreto da escola investigada. As reflexões mobilizadas articulam diálogos produzidos no cotidiano escolar e as narrativas docentes, constituindo diferentes modos de narrar por meio dos quais se produzem sentidos sobre a educação pública e o fazer pedagógico.

Nesse sentido, situar essas vozes no contexto profissional em que se produzem torna-se um passo analítico necessário. As experiências narradas não emergem de forma abstrata, mas são construídas a partir de trajetórias docentes concretas, marcadas por tempos distintos de atuação, diferentes áreas do conhecimento e múltiplas condições de trabalho no contexto da escola pública.

No que se refere ao perfil profissional das participantes, o grupo é composto por seis professoras com trajetórias diversas, todas atuantes em uma escola pública estadual localizada no interior de Mato Grosso, organizada na modalidade de Educação Integral, que atende aos anos finais do ensino fundamental e ao ensino médio. As narrativas evidenciaram, ainda, que três professoras exercem a docência também em outra escola de modalidade regular, aspecto que integra suas trajetórias profissionais e revela experiências em diferentes formas de organização escolar, bem como a convivência com múltiplas demandas no cotidiano docente.

Os tempos de atuação variam de seis **a trinta anos**, reunindo experiências de professoras em diferentes momentos da carreira. Em relação à formação acadêmica, duas professoras possuem titulação em nível de mestrado, e encontram-se cursando o doutorado, e quatro possuem

especialização, evidenciando em suas narrativas trajetórias marcadas por investimento contínuo em formação e pela busca de desenvolvimento profissional ao longo da docência.

Quanto ao vínculo com a rede de ensino, cinco professoras são efetivas e uma atua em regime de contratação temporária. As participantes atuam em diferentes áreas do conhecimento, como Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias, Linguagens, e Prática Esportiva, compondo um conjunto de olhares diversos sobre o cotidiano escolar.

Essa caracterização geral, longe de se restringir a um levantamento descritivo, integra o movimento analítico do estudo, ao evidenciar as condições concretas de atuação, formação e trabalho a partir das quais as professoras constroem e expressam suas compreensões sobre a educação pública. É a partir desse contexto que se desenvolve a análise das narrativas, buscando compreender os sentidos atribuídos pelas docentes à educação nas escolas públicas e às experiências vividas no exercício do trabalho docente.

Ao avaliarem a educação nas escolas públicas estaduais de Mato Grosso, as professoras expressam compreensões marcadas por contradições. Os relatos reconhecem avanços, especialmente no que se refere à ampliação do acesso à escola, mas também evidenciam fragilidades persistentes que atravessam o cotidiano escolar. A Professora Resistência (2025), afirma: *“Vejo que há avanços importantes, especialmente no acesso à escola, mas ainda há muitas fragilidades, como a falta de recursos, de valorização dos professores e de políticas públicas mais efetivas”*. A narrativa evidencia que os avanços conquistados na educação pública coexistem com desafios estruturais que ainda limitam a efetivação de condições mais justas para o trabalho docente e para a própria organização da escola.

Assim, embora as professoras reconheçam a existência de avanços na educação pública, estes convivem com limitações estruturais relacionadas à insuficiência de investimentos, às condições de trabalho docente, à sobrecarga de demandas burocráticas e ao pouco tempo destinado ao planejamento pedagógico. Nessa direção, a Professora Esperança (2025) destaca a necessidade de mudanças ao defender que *“é preciso repensar práticas, políticas e investimentos para que a educação pública avance de forma significativa”*. A fala da professora evidencia a compreensão de que a transformação desse cenário exige não apenas mudanças pontuais, mas o fortalecimento de condições concretas que sustentem o trabalho pedagógico e a valorização docente.

De modo geral, a educação pública é percebida como um espaço em que esforços e conquistas ainda enfrentam desafios que dificultam a efetivação de práticas educativas mais justas, especialmente no que se refere às condições de trabalho docente. A Professora Resiliência (2025) sintetiza essa realidade ao afirmar:

“A educação básica prioriza o direito de aprender, mas ainda apresenta lacunas relacionadas à equidade, às condições de trabalho docente e à qualidade do ensino. Pontos positivos: legislação específica que orienta a educação; pontos negativos: excesso de demandas, burocracia e pouca escuta dos sujeitos escolares”.

Essa leitura crítica da educação pública, construída pelas professoras a partir de suas experiências, evidencia que, embora a educação esteja orientada por princípios legais e normativos, sua materialização no cotidiano escolar é atravessada por tensões que impactam diretamente o trabalho docente. Tal compreensão dialoga com Saviani (2011), ao defender que a escola, ao assumir a tarefa de socializar os conhecimentos historicamente produzidos, necessita de condições objetivas para cumprir sua função social, sob pena de reduzir o trabalho pedagógico a procedimentos desvinculados de seu sentido formativo. Nesse cenário contraditório, a pouca escuta dos sujeitos escolares, apontada pelas professoras, revela-se como um elemento central, pois, como nos lembra Freire (2002, p. 110), *“ensinar exige saber escutar”*, o que implica reconhecer professores, professoras, estudantes e a comunidade como sujeitos do processo educativo, cujas vozes precisam ser consideradas na organização do trabalho pedagógico e nas decisões que atravessam o cotidiano da escola.

Nesse contexto, os relatos docentes também apontam que a escuta e o diálogo, quando considerados no cotidiano escolar, constituem referências importantes para a organização pedagógica. Ainda que atravessadas por tensões e limites, as experiências relatadas pelas professoras indicam que práticas pautadas no diálogo favorecem relações mais colaborativas entre os diferentes sujeitos da escola e contribuem para a construção de um trabalho docente compartilhado. A Professora Resistência (2025), destaca que *“quando há diálogo e flexibilidade, as relações se fortalecem e o trabalho pedagógico acontece de forma mais colaborativa”*, evidenciando que a escuta, compreendida como princípio ético e pedagógico, se apresenta como um critério orientador do fazer docente.

Ao refletirem sobre as relações estabelecidas no ambiente escolar, as professoras descrevem um cotidiano marcado, de modo geral, pelo acolhimento, pelo respeito e pela parceria entre os diferentes atores da escola, reconhecidos como aspectos importantes para a permanência dos estudantes e para o desenvolvimento do trabalho educativo. Tal percepção é expressa pela Professora Parceria (2025): *“O ambiente escolar, apesar dos desafios que enfrenta, é marcado por relações de respeito e parceria entre os diferentes sujeitos da escola”*.

Entretanto, apesar das boas relações construídas no ambiente escolar, os relatos também revelam que esse ambiente relacional positivo convive com desafios muitas vezes invisibilizados no cotidiano escolar. Ao refletirem sobre esses desafios, a Professora Resistência (2025) aponta elementos que interferem no trabalho docente, como a *“sobrecarga de tarefas, falta de tempo para planejamento e excesso de demandas burocráticas que interferem diretamente no trabalho pedagógico”*.

Nessa mesma perspectiva, emergem compreensões relacionadas *“à falta de valorização docente, às condições de trabalho e ao acúmulo de funções assumidas no cotidiano escolar”*, conforme destaca a Professora Esperança (2025). Essa realidade também é sintetizada pela Professora Resiliência (2025) ao afirmar que *“em muitas situações, o professor atua não apenas como docente, mas também assumindo papéis que extrapolam sua função, o que gera sobrecarga e desgaste”*,

evidenciando elementos que produzem desgaste e tensionam o trabalho educativo.

Essas compreensões dialogam com Freire (2002, p. 64), ao afirmar que “a responsabilidade do professor, de que às vezes não nos damos conta, é sempre grande”. Para o autor, o professor tem o dever de realizar sua tarefa docente, mas esse dever não pode ser dissociado das condições concretas que possibilitam o exercício pleno da docência, “sem as quais se move menos eficazmente no espaço docente. Às vezes, as condições são de tal maneira perversas que nem sempre se move. O desrespeito a este espaço é uma ofensa aos educandos, educadores e à prática educativa” (Freire, 2002, p. 64–65). Por isso, o autor enfatiza a luta dos professores e professoras como uma parte importante da prática educativa.

À luz dessas reflexões, as narrativas docentes evidenciam que, embora assumam com compromisso a responsabilidade ética e pedagógica de ensinar, e se movam cotidianamente em busca dessa luta, ainda enfrentam muitas condições que limitam o exercício desse dever. O descompasso entre a exigência da responsabilidade docente e a precarização das condições de trabalho emerge, assim, como uma das contradições centrais vividas no cotidiano da educação.

As narrativas também evidenciam que a organização da escola e os processos decisórios exercem influência sobre o trabalho docente e sobre as relações construídas no cotidiano escolar. Embora as professoras reconheçam o bom convívio no ambiente educativo, destacam que as decisões relacionadas ao contexto escolar ainda são, muitas vezes, tomadas de forma verticalizada, com poucos espaços efetivos de diálogo com a comunidade escolar. A Professora Resistência (2025), afirma que *“existem momentos de escuta, mas muitas decisões ainda são tomadas de forma verticalizada”*.

Tal compreensão reforça a ideia de que a construção de uma escola democrática não se esgota na existência de instâncias formais de participação, mas exige práticas efetivas de diálogo e consideração das vozes dos sujeitos que vivem o cotidiano escolar. Nessa direção, Freire (2002) compreende a educação como uma prática essencialmente dialógica, construída na escuta, no encontro e na participação dos sujeitos. Entretanto, as narrativas revelam que essa dialogicidade ainda encontra limites no contexto escolar investigado. Como destaca a Professora Coragem (2025), *“muitas vezes nossas vozes não são ouvidas; como pensar a educação sem ouvir a voz dos(as) professores e professoras que atuam nela?”*

As dificuldades relacionadas à escuta e à participação também atravessam as práticas de inclusão desenvolvidas na escola, evidenciando desafios que interferem na construção de processos educativos mais democráticos e participativos.

As professoras reconhecem avanços, sobretudo no compromisso ético com a permanência dos estudantes e com a construção de práticas mais inclusivas. No entanto, as narrativas indicam que a inclusão ainda se realiza de forma parcial, atravessada pela falta de recursos, de apoio especializado e de propostas formativas mais contextualizadas às realidades da escola. A Professora Resistência (2025) destaca: *“Percebo que há esforços dos professores em colocar em prática ações inclusivas,*

mas ainda existem limites impostos pela falta de apoio e de políticas mais efetivas”.

Esse entendimento dialoga diretamente com Caldart (2023), ao problematizar que as tarefas educativas da escola, na atualidade, não podem ser pensadas de forma abstrata ou idealizada, mas a partir das condições reais de funcionamento da instituição escolar, considerando as contradições, os limites e as possibilidades que atravessam o cotidiano educativo. Assim, as dificuldades apontadas pelas professoras evidenciam que a efetivação de práticas inclusivas depende não apenas do compromisso ético dos docentes, mas de condições objetivas e de políticas que sustentem esse trabalho no interior da escola.

Nesse mesmo horizonte, a formação continuada é reconhecida pelas professoras como fundamental para o desenvolvimento profissional, mas ainda percebida como distante das demandas vividas no cotidiano escolar. Os relatos indicam que, embora contribua para a reflexão e atualização docente, muitas propostas formativas não dialogam de modo suficiente com as condições reais de trabalho e com os desafios enfrentados na prática. A Professora Compreensão (2025) afirma que a formação continuada *“contribui de maneira geral, mas nem sempre atende às necessidades reais do professor no contexto da escola”*. Tal percepção é reforçada pela Professora Resistência (2025), ao destacar que *“apesar das mudanças e de alguns avanços, a formação continuada ainda precisa ser mais contextualizada e próxima da realidade escolar e das necessidades dos professores”*, evidenciando a necessidade de propostas formativas mais articuladas ao cotidiano docente.

Ao refletirem sobre as mudanças necessárias para a construção de uma educação pública de qualidade, democrática e humanizadora, as professoras convergem na defesa de maior investimento na educação, valorização do trabalho docente, tempo destinado ao planejamento e oferta de formações mais qualificadas e contextualizadas. A Professora Resistência (2025) afirma que *“mudanças como maior tempo para planejamento, valorização do professor e melhores condições de trabalho e de formação continuada poderiam transformar a educação pública”*. Os relatos evidenciam, assim, que a transformação da educação pública não se reduz a reformas pontuais, mas exige mudanças estruturais que reconheçam os professores como sujeitos do processo educativo e garantam condições concretas para o exercício e a valorização da docência.

Nesse movimento, as narrativas docentes reafirmam que a construção de uma educação pública de qualidade se sustenta na produção coletiva de conhecimentos, na partilha de saberes e na escuta das experiências vividas no cotidiano escolar. Esse entendimento encontra ressonância em Araujo Lima e Bitencourt (2025), que, em *Memórias de uma vida docente: habitando as histórias da travessia numa jornada de experiência*, apresentam a trajetória profissional de uma professora como expressão de um percurso relacional, no qual ensinar e aprender se entrelaçam ao longo do tempo, produzindo sentidos, saberes e alimentando a esperança como possibilidade concreta de transformação da realidade educativa.

Essas compreensões aproximam-se da perspectiva freiriana de educação, entendida como um

processo que se constrói na escuta, na participação e no compromisso coletivo com a transformação da realidade (Freire, 2002). Ao mesmo tempo, dialogam com Caldart (2023), que problematiza a escola a partir das contradições que atravessam o trabalho educativo na atualidade e aponta a necessidade de criar possibilidades concretas de reorganização do trabalho pedagógico no cotidiano escolar.

À luz dessas contribuições, as narrativas docentes evidenciam que a esperança na educação pública não se sustenta em discursos abstratos ou prescrições externas, mas se produz no cotidiano, nas relações construídas, na partilha de saberes e na produção coletiva de conhecimentos enraizados na experiência docente e nos cotidianos escolares, os quais precisam ser mais incentivados, apoiados e valorizados no contexto educacional. Como destaca a Professora Esperança (2025), é preciso *“pensar a escola a partir de quem a vive”*.

É nesse movimento vivido no cotidiano escolar que a esperança na educação pública se sustenta, não como um discurso abstrato, mas como prática construída na partilha de saberes, na escuta das experiências e na produção coletiva de conhecimentos. Essa perspectiva aproxima-se de Zart (2025), ao defender que o conhecimento não é algo externo ou imposto aos sujeitos, mas produzido socialmente a partir das experiências vividas, das práticas e da leitura crítica da realidade. Assim, as narrativas das professoras reafirmam que a construção de uma educação pública de qualidade passa pela valorização dos saberes docentes e das experiências construídas no chão da escola, como dimensões fundamentais para pensar a educação e seus processos formativos.

No movimento interpretativo desenvolvido, as narrativas das professoras revelam que a educação pública, tal como vivida no cotidiano escolar, é marcada por contradições, desafios e possibilidades que se produzem e se transformam continuamente. Ao mesmo tempo em que evidenciam limites estruturais, sobrecargas e fragilidades institucionais, também revelam o compromisso ético, político, pedagógico e esperançoso com a construção de uma escola mais democrática e humanizadora. Ao tomar as experiências docentes como fonte de reflexão e produção de conhecimento, este estudo reafirma a centralidade da escuta e do diálogo como caminhos para compreender a educação pública e para projetar possibilidades de transformação que emergem do próprio cotidiano escolar.

Horizontes que se anunciam: pensar a educação pública com e a partir do cotidiano docente

Os horizontes que se anunciam a partir deste estudo não se configuram como respostas definitivas ou pontos de chegada, mas como possibilidades que emergem do próprio movimento interpretativo das narrativas docentes. Ao tomar como objetivo compreender a educação vivida em uma escola pública estadual, a partir das narrativas das professoras, as análises evidenciaram que a educação pública se constitui em meio a contradições estruturais, limites institucionais e desafios cotidianos, sem que isso apague os compromissos, os esforços e as potências construídas

coletivamente no interior da escola. Compreender a educação pública, nesse sentido, implica reconhecê-la tal como é vivida no cotidiano docente, nas tensões que atravessam o trabalho pedagógico e nas formas de enfrentamento e reinvenção que se produzem no chão da escola, reconhecendo esse cotidiano como espaço de produção de sentidos, resistências, (re)existências, partilhas e possibilidades formativas.

É a partir desse movimento interpretativo que o estudo abre possibilidades não apenas para refletir sobre a escola e a organização do trabalho pedagógico, mas para pensar com a escola e com os professores e professoras, reconhecendo-os como sujeitos que produzem sentidos, saberes e práticas no cotidiano escolar. As narrativas analisadas indicam a necessidade de fortalecer espaços de diálogo, reflexão coletiva e partilha de experiências docentes, compreendidos como dimensões constitutivas do trabalho pedagógico e do desenvolvimento profissional. Pensar a educação pública com os educadores implica deslocar o olhar de perspectivas prescritivas para uma compreensão situada, enraizada nas experiências vividas e nos desafios concretos do exercício da docência.

A partir dessas reflexões, os desdobramentos deste estudo articulam-se à pesquisa em desenvolvimento no doutorado, que se propõe a investigar o desenvolvimento profissional de professores da educação básica, no contexto da educação integral, sem dissociá-lo da organização do trabalho pedagógico. Trata-se de compreender o desenvolvimento profissional como um processo que se constrói no cotidiano escolar, nas relações estabelecidas, nas condições de trabalho, nas práticas pedagógicas e nas formas como os professores e professoras interpretam e ressignificam sua própria experiência docente. A organização do trabalho pedagógico, nesse contexto, emerge como dimensão constitutiva desse desenvolvimento, e não como um elemento externo ou meramente técnico.

Assim, os horizontes que se anunciam apontam para a possibilidade de fortalecer uma educação pública dialógica, emancipadora e humanizadora, construída coletivamente no diálogo com os professores e professoras e a partir das vozes e dos cotidianos escolares. Ao reconhecer as narrativas docentes como fonte legítima de reflexão e produção de conhecimento, este estudo reafirma a compreensão de que o conhecimento se constrói nas relações, na troca de experiências e na reflexão compartilhada sobre as **práticas e vivências que constituem a vida escolar**. Longe de pretender encerrar debates ou oferecer caminhos prontos, o estudo produz deslocamentos reflexivos que ampliam possibilidades formativas no pensar sobre e com os cotidianos docentes. Tais possibilidades emergem do encontro entre sujeitos, saberes e experiências, reafirmando a escola pública como espaço vivo de produção de conhecimento, resistência, (re)existência e esperança.

Referências Bibliográficas

ARAUJO LIMA, Vanessa Suligo; BITENCOURT, Loriege Pessoa. Memórias de uma vida docente: habitando as histórias da travessia numa jornada de esperança. *Revista da Faculdade de Educação*, v. 41, n. 1, p. e4125025, 2025. Disponível em: <https://periodicos.unemat.br/index.php/ppgedu/article/view/14579>. Acesso em: 23 dez. 2025.

BOGDAN, Robert.; e BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à Teoria e aos Métodos*. Porto. Porto Editora, 1994.

BRUNER, Jerome. *Atos de significação*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CALDART, Roseli Salete. *As tarefas educativas da escola na atualidade*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2023.

FREIRE, Paulo. *Educação como prática da liberdade*. 23ª. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar projetos de pesquisas*. – 7. Ed. – Barueri [SP]: Atlas, 2022, p. 62 e 139.

MACHADO, Ilma Ferreira. *A organização do trabalho pedagógico em uma escola do MST e a perspectiva de formação omnilateral*. 2003. Tese (Doutorado em Educação) — Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, SP, 2003. Disponível em: <https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/283109>. Acesso em: 23. dez. 2025.

SAVIANI, Dermeval. *Escola e democracia*. 42ª. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2011.

ZART, Laudemir Luiz. *Sociologia do conhecimento: a produção social do conhecimento em Paulo Freire*. 1. ed. Porto Alegre: CirKula, 2025.

Recebido em 05 de fevereiro de 2026

Aceito em 10 de maio de 2026

Publicado em 11 de junho de 2026